

ENTREVISTA A JOSÉ PEREIRA

21 de Maio de 2016

ENTREVISTADO: José Pereira

Centro de Mar – O seu nome é José Manuel Pereira e esteve embarcado...

José Pereira – Sim senhora, na pesca do bacalhau.

Centro de Mar – Na pesca do Bacalhau, se nos pode dizer quantos anos tem?

José Pereira – Vou fazer 59...

Centro de Mar – 59, é daqui de Viana do Castelo?

José Pereira – Castelo do Neiva, Viana do Castelo...

Centro de Mar – Castelo do Neiva, a família era de Castelo do Neiva?

José Pereira – Castelo do Neiva, tudo...

Centro de Mar – Pescadores, lavradores...

José Pereira – Tudo pescadores...

Centro de Mar – Tudo pescadores...mas eram só pescadores ou também...iam ao sargaço também?

José Pereira – Sim, eles iam. Eu não...

Centro de Mar – Nunca chegou a ir ao sargaço então?

José Pereira – Não, não...quando era pequenito...

Centro de Mar – Ao lado....

José Pereira – Isso não era do meu tempo...

Centro de Mar – Aos polvos, as camboas...

José Pereira – Polvo. O mar foi a minha vida...

Centro de Mar – Foi mar a sua vida...antes de estar embarcado, antes de...

José Pereira – Antes de embarcar para a pesca do bacalhau estava embarcado em Castelo do Neiva.

Centro de Mar – Pronto, então a família era de Castelo do Neiva, sempre andou envolvido no mar, o pai era pescador...

José Pereira – Sempre, pai, irmãos, tudo...inclusive eu sou tio dos rapazes de Castelo do Neiva que desapareceram do mar, dois irmãos, há uns seis anos, nunca chegaram a aparecer...

Centro de Mar – E então, na sua família iam ao sargaço, ao pilado...

José Pereira – Já não era do meu tempo, era do tempo do meu pai talvez...

Centro de Mar – E a sua avó, a sua mãe, iam vender o peixe?

José Pereira – Sim, lembro-me pouco mas lembro-me da minha mãe vender...

Centro de Mar – Mas vinha a Viana? Ou às Freguesias de volta?

José Pereira – Às freguesias de volta, não se vendia na lota, às vezes vendia-se logo na praia, antes de haver lota. Não havia lota, só em Viana na cidade, nem quando era pequeno havia lota mas já estou fora disso há muito tempo...

Centro de Mar – Então em pequeno ajudava, quando é que começou a ir para o mar mesmo no barco?

José Pereira – 14 anos, andava ao mar, fazer profissão desde os 14 anos.

Centro de Mar – E o barco de quem era?

José Pereira – Familiares meus talvez. Lembro-me que embarquei aos 17 anos quase a fazer 18...

Centro de Mar – Quando foi para a pesca do bacalhau?

José Pereira – Pesca do bacalhau, era preciso uma assinatura...

Centro de Mar – Dos pais...

José Pereira – Não, mas de pessoas conhecidas, para se poder embarcar...

Centro de Mar – E qual foi o primeiro barco?

José Pereira – O navio que incendiaram, na passagem de Águas Santas de Aveiro...

Centro de Mar – Ah primeiro Águas Santas de Aveiro...

José Pereira – Na passagem para o Vasco Guerreiro em 1977 não me esquece, dia chuva miudinha, cinco homens morreram, um ficou lá...acho que eram cinco, ainda tenho jornais em inglês sobre meu poder, para mostrar aos meus filhos e agora para mostrar aos meus netos.

Centro de Mar – Então, saiu de cá com 17 anos, saiu no Águas Santas de passagem para o Vasco Guerreiro...

José Pereira – Com 17 anos, no Águas Santas de passagem para o Vasco Guerreiro...

Centro de Mar – Mas quanto tempo esteve ainda a trabalhar antes de haver o incêndio?

José Pereira – Eu embarquei, talvez (19)75 e o Navio incendiou em (19)77...

Centro de Mar – Em (19)77. Então trabalhou ali dois anos...

José Pereira – Sim, sim, sim...

Centro de Mar – E o que é que se lembra desse tempo?

José Pereira – Ui, já tinha passado o 25 de Abril, aquilo era uma festa...

Centro de Mar – Era um trabalho...

José Pereira – Duro, duro, duro, aquilo é uma fábrica...

Centro de Mar – Mas era pesca à linha?

José Pereira – Não, não, de arrastão. Essa pesca já não existia...

Centro de Mar – Então era só com o arrastão...

José Pereira – Sim, sim...passei muito no navio, estava sempre lá...gostei imenso...era uma vida difícil e hoje fazia falta a muitos rapazes...

Centro de Mar – E foi também para a pesca do bacalhau, não há alternativa...

José Pereira – É como ir à tropa, mas continuei até aos 27 anos. Fiz dez anos dessa vida.

Centro de Mar – Então continuou até aos 27 anos?

José Pereira – 27, 28 anos.

Centro de Mar – Antes do incêndio do barco do que é que se lembra do barco?

José Pereira – Saímos de Viana do Castelo, com rumo à Noruega, com o capitão integrado numa empresa daqui de Viana.....entramos em terra, sei que estava num corredor a falar com um cunhado meu senti uma lâmpada, muita luz, só ouvi aquilo “pum”, o meu cabelo ardeu todo, não me esqueço, nunca, foi em (19)77...

Centro de Mar – Foi um dia marcante e um dia triste também...

José Pereira – Sim, mas não me lembro de ir para o hospital.

Centro de Mar – Mas esteve internado?

José Pereira – Sim estive...

Centro de Mar – E esteve muito tempo?

José Pereira – Não...não estive muito, eu por acaso. Eu tive mais sorte que alguns. Por exemplo, eu estava a conversar no corredor, eu fui cuspidor pela chama para fora da porta da patesca, era assim como se chamava e se chama, eu não me esqueço das coisas que eu fazia...

Centro de Mar – E havia muita camaradagem no sentido de bons relacionamentos...

José Pereira – Eu fui sempre de fazer amigos, nunca fui pessoa de me zangar com ninguém, posso-me zangar agora mas daqui a bocado já está tudo bem, nunca fui dessas pessoas, gosto de me dar bem com as pessoas...

Centro de Mar – Ajudavam-se uns aos outros no sentido das várias tarefas?

José Pereira – Tem que ser, cada um tinha a sua diversão. No navio estamos todos juntos, há músicos, pescadores, aprendizes, moços, substitutos e o mestre, a gente tem que saltar sempre...

Centro de Mar – Você foi como? Aprendiz...

José Pereira – Como moço, limpar casas de banhos, dar de comer aos outros, eu tinha uma hora para comer, dar de comer aos..., limpar tudo e ainda trabalhar, não era fácil...

Centro de Mar – E esses dois anos foi a fazer esse trabalho ou foi...

José Pereira – Não, fazia isso e na minha hora de descansar ia aprender uma profissão...

Centro de Mar – E qual foi a profissão...

José Pereira – Salgador...

Centro de Mar – Salgador?

José Pereira – Salgador do bacalhau...

Centro de Mar – E como era salgar nessa altura?

José Pereira – Era um salgar diferente do de hoje, a gente tinha assim uma coisinha pequenina para o sal, salgar mais a menos como fosse um peso do bacalhau, a gente já tinha uma prática muito grande, a gente para aprender a salgar é com dois bacalhaus, tem que transpirar, aquilo é rápido e depois eu também tive muita sorte, encontrei bons homens de salgas que viram que eu gostava de aprender e ensinavam-me e aprendi, por acaso tive sorte, aprendi rápido, não cheguei a ser aprendiz, pescador fui só um mês, foi uma viagem de dois meses para ser pescador ao vazar de uma pessoa que é daqui de Darque, Viana do Castelo, que era salgador...adoeceu, precisavam muito de um salgador eu já andava a aprender e passei par o lugar dele em pouco tempo passei a salgador... nunca cheguei a ser aprendiz e ganhar salvo o erro o mesmo...

Centro de Mar – O sal já vinha de cá de Portugal?

José Pereira – Tínhamos em Setúbal, senão íamos à Espanha...

Centro de Mar – Senão iam à Espanha...

José Pereira – Sim...

Centro de Mar – Em Viana nunca...

José Pereira – Não, não, não...

Centro de Mar – Onde vinham descarregar o bacalhau?

José Pereira – Aqui ou em Aveiro...

Centro de Mar – Ou Aveiro e aqui em Viana recorda-se da descarga?

José Pereira – A descarga, claro que recordo...

Centro de Mar – Quem é que fazia a descarga?

José Pereira – Eram os pescadores, não eramos nós...

Centro de Mar – Eram os pescadores ou eram as mulheres, nunca...

José Pereira – Em Aveiro muitas, eu ficava à vigia, ficávamos no navio, os mais novos ficavam e os mais velhos iam para casa a gente ficava uma semana ou duas e era compensado por outras pessoas, eu fui, eu via as raparigas a roubarem bacalhau pequenino para levarem para casa pra comer, eu via aquilo e dizia “tu não fazes mais isso à minha frente”, ficaram assustadas, tu queres bacalhau, leva lá o bacalhau, dali para a frente levavam tudo, roupa e tudo para casa, já estavam à vontade, passavam e levavam, eu era novo por isso, deixava levar coisas pequeninas...o que fizesse falta...já agora, hoje não gosto muito de bacalhau, eu bem me lembra, já deixei essa vida à trinta anos...

Centro de Mar – Então passou por moço, depois a pescador...

José Pereira – Homem de emprego (salgador)

Centro de Mar – Salgador saiu da pesca do bacalhau a trabalhar como salgador?

José Pereira – Sempre, sempre, sempre, sempre...

Centro de Mar – Têm alguma história assim mais marcante?

José Pereira – Tenho, foi a do incêndio, lembro-me de chorar a dizer que nunca mais embarcava, saí em Setembro, vim para Portugal a 25 de Outubro, nunca me esquece, cheguei a Lisboa, nunca mais embarcava, passou um mês estava embarcado no Santa Maria Madalena, o Capitão...

Centro de Mar – Em comparação ao Vasco Guerreiro o Santa Maria Madalena...

José Pereira – Eram gémeos...por dentro e por fora, parecia...gémeos, eu gostei daquela vida... Aprendi a ser um homem.

Centro de Mar – Ia muita gente não só de Castelo do Neiva como de outras Terras...

José Pereira – Uii, Aveiro, Vila Praia de Âncora, Póvoa de Varzim...

Centro de Mar – Aqui da Ribeira?

José Pereira – Muitos, conhecia tantos, oh pá...não me lembra de muitos, inclusive já me tenho encontrado com alguns e já estive com um que era muito bom, para mim.....um velho morreu afogado em Matosinhos, encontraram-no afogado...esse foi um deles que me incentivava a muita coisa...

Centro de Mar – E custava muito quando partiam e ficavam uma temporada...

José Pereira – Um dia que me custou foi sair num sábado de Aleluia, não, um dia antes da Páscoa, em Setúbal, nessa altura íamos processar peixe, nunca mais me esqueceu a distância até lá 5522 milhas marítimas, que eu era homem de leme em viagem, gostava de fazer vigia, os outros iam dormir e eu fazia vigia, tive de aprender fazer sempre o que era de melhor, gostava de fazer uma viagem...

Centro de Mar – E as alturas de temporal?

José Pereira – Fazia asneiras, hoje tenho muito medo, apanhei um temporal grande entre os Açores e o Canadá, lembro-me bem, inclusive o Emílio Peixe, o que o filho foi jogador da bola do Benfica, Porto, Sporting, continuo a falar com essa gente pelo telefone... não passei a vida que passaram os antigos, iam sair nos esgotos e os Capitães eram maus, muito maus...

Centro de Mar – E o trabalho no Madalena? Era mais ao menos a mesma coisa?

José Pereira – Não, no Madalena era melhor um bocado, já ia passando...

Centro de Mar – Tinha mais experiência...ou o Capitão era melhor...

José Pereira – Não o Capitão tinha de ser e melhor, inclusive o Santa Maria Madalena era um navio grande que nos fazia muita greve no mar, uma vez por causa de uma coisa qualquer, de um pinheiro esteve muito tempo à deriva, eles

fizeram greve, mas eu sou contra isso, estou num país que não gosto das greves, não vivo cá em Portugal hoje...

Centro de Mar – Está no Canadá?

José Pereira – Estou no Canadá...

Centro de Mar – Em que zona?

José Pereira – Toronto...

Centro de Mar – Então está longe da costa...

José Pereira – Muito longe da costa.

Centro de Mar – Tantos anos embarcado e agora está deslocado do mar...

José Pereira – Sim, fiz uma brincadeira, foi uma experiência que eu fiz por lá e tinha aquela coisa, Canadá, pensei que no Canadá era tudo igual, mas não era, pensei que no Canadá as pessoas eram amáveis, boas, que iam falando, tudo mau, completamente diferente, muitas raças misturadas...

Centro de Mar – E não tem saudades do mar?

José Pereira – De trabalhar não...é uma vida muito difícil, tenho saudades de pescar sem ser obrigado, passar um bocadinho, pouco, era novo nada me metia mdoe...não tinha medo, hoje sim, não conseguiria fazer as asneiras que fazia antigamente...não tinha medo, eu via homens a chorar, levava na brincadeira, e quando era a altura que ia gelo, congelava o navio e ia-se com mangueiras de vapor descongelar o gelo, isso não é brincadeira, eu hoje tinha medo, na altura não tinha...

Centro de Mar – E depois do de Santa Maria Madalena?

José Pereira – Também andei umas vezes, não me lembro, ali no Senhor das Candeeiras, Senhor dos Malhantes, pertenciam todos à mesma empresa, lembro-me bem de muitas pessoas, cheguei do Canadá esta semana....só que à pessoas que desaparecem, infelizmente, a vida é mesmo assim mas se não deixar ver...queria logo ir, não sabia que era....lá era regime, não haviam asneiras, diziam que quando entravam no refeitório de comer, baixavam a

cabeça, estava um quadro da sagrada família tu tinhas de respeitá-lo, senão....agente tinha tudo limpinho sempre...

Centro de Mar – Por falar no quadro da sagrada família, costumavam ter missa?

José Pereira – Não, antes de sairmos em Lisboa diziam a missa, o padre dizia aos barcos, isso foi antes do 25 de abril, os tais homens do mar, isso era uma vida difícil, pelo que eu ouvi falar, tinha coisas que eu sei por experiência, ainda hoje existe lá uma rua no Canadá como rua Paroquial, esquece, eu... preferia ficar em Toronto...

Centro de Mar – E na pesca do bacalhau as viagens rendiam sempre bem ou havia alturas complicadas, ou no início havia mais bacalhau e para o fim menos...

José Pereira – Sempre à ali...começou a ser limitado as pescas, para o fim já haviam fiscais nos grandes navios, quando a gente tentava levar aquelas cotas eles não deixavam vir embora, mas quem soubesse governar, dava. Eu fiz uma casa daquela vida, nunca pedi dinheiro ao banco, porque lá ganhas, não te dão dinheiro, só te dão dinheiro no fim...quando acabas de trabalhar, ao fim de 5 meses, 150 dias que era o contrato, dentro de 150 dias não vinhas a Portugal, no meu tempo valia, não era assim não, 6, 7,8 meses era quando o Patrão quisesse.

Centro de Mar – Então só haviam...em que altura do ano é que iam?

José Pereira – Verão, Inverno...

Centro de Mar – Verão, Inverno... mas faziam 150 dias? E depois voltavam a Portugal?

José Pereira – O máximo de 150 dias...

Centro de Mar – E quantos dias ficavam aqui em Portugal?

José Pereira – Eu cheguei a estar aqui duas semanas e ir outra vez, cheguei a estar um mês e ir outra vez...eu gostei muito da vida de embarcado quando andava a processar peixe...

Centro de Mar – Você já não era bacalhau?

José Pereira – Não, era pescada, os outros é que trabalhavam como eles diziam...

Centro de Mar – Isso foi depois de deixar o Santa Maria Madalena?

José Pereira – Não, foi mesmo no Madalena, isso já nos anos 80.

Centro de Mar – Então Santa Maria Madalena ao princípio era bacalhau, mas depois deixou a pesca do bacalhau...

José Pereira – Não sei, depois eu despedi-me do Santa Maria Madalena e fui trabalhar para o Algarve, para o mar e depois foi aquela coisa de ir para fora, fui-me embora, fui para fora de Portugal, para o Canadá um ano nunca mais...

Centro de Mar – Mas então...

José Pereira – Íamos só processar peixe, buscar peixe já pescado, congelado...

Centro de Mar – Mas iam ao bacalhau nessa altura?

José Pereira – Não íamos só...porque aquilo era de consumo.

Centro de Mar – Sim, mas traziam por exemplo o bacalhau para Portugal, pescada?

José Pereira – Era só pescada, não era bacalhau, era um navio...

Centro de Mar – Mas nesses anos também iam ao bacalhau?

José Pereira – Sim, sim...

Centro de Mar – Alternando...

José Pereira – Sim, sim, sim, era uma viagem que durava dois meses, ir e vir, a gente só íamos oito homens, era para fazer viagem...um peixe que eu vi que...as senhoras.... Nos saíamos só para atracar o navio, fazer o leme, mais nada...

Centro de Mar – E no mar, na Terra Nova o mar...

José Pereira – Senti diferença...

Centro de Mar – Do que é que se lembra assim...

José Pereira – Parecia um rio, Terra nova era muito mau, tinha coisas boas mas era muito mau, mesmo mau, eu passei muito lá...há sempre coisas que ficam marcadas, mas passou tudo, a mim não me esquece, uma passagem em 78, 77 incendiou o Vasco, depois embarquei no Madalena fomos processar peixe para a Nova Escócia, houve qualquer coisa cozinheiro deu força ao fogão e aqueceu, incendiou qualquer coisa eu estava a dormir ouvi “incêndio”, “incêndio” vi aquilo....mas aquilo não era nada...naquela altura também quando fui para oem frente ao Rio de Janeiro apanhei um susto muito grande lá com as trovoadas tropicais, nunca vi tanto mau tempo na minha vida, água fria e água quente parecia que dava par tomar banho...preocupação...E muita gente se arrepende do que fez, mas eu não me arrependo, fiz dinheiro, cumpri o serviço militar e agora estou aqui...

Centro de Mar – Começou então a vida no mar com pesca...

José Pereira – E acabei na construção...

Centro de Mar – E acabou em construção...

José Pereira – No Canadá se deus quiser, não aqui em Portugal.

Centro de Mar – Mas ainda têm família em Castelo do Neiva?

José Pereira – Tenho...

Centro de Mar – Pescadores?

José Pereira – Sim a minha família é toda de pescadores...

Centro de Mar – E ainda continuam...

José Pereira – Claro que continuam...também quero ver se também não me esqueço... embora a gente não seja tratada como portugueses nós, somos tratados por portugueses...

Centro de Mar – E porque é que diz isso?

José Pereira – Porque é verdade, o próprio Cavaco Silva que foi presidente da República e Primeiro Ministro o disse... nós fora da Europa não temos direito a isso, se tivessem que ir ao médico tinham de pagar, se tiver que ir para o hospital têm de pagar, os imigrantes não têm de pagar nada, tem cartão, tem tudo...

Centro de Mar – Isso não é justo...

José Pereira – Não é justo, não é não pode ser por isso que eles vão pedir pelos imigrantes não estou de acordo com o estado de Portugal.... mas as minhas poupanças para aqui não vêm, para o Governo roubar tudo como fazem aos coitados daqui? Ganhar 500 euros por mês os que ganham...a pagar tudo, eu não me guiava com esse dinheiro aqui...

Centro de Mar – São economias diferentes também...

José Pereira – Sim, lá é diferente, lá têm hora de começar de manhã e hora de abancar, quando o encarregado manda...o sindicato ninguém percebe, a gente lá ganha à hora, não é salário é à hora, eu não gosto muito de trabalhar sábados e domingos, nem que me paguem bem...nunca gostei...

Centro de Mar – Mas quando estava embarcado havia sábados e domingos...

José Pereira – Nem festas nem nada, nem Páscoa, nem Natal, nem nada...

Centro de Mar – Trabalhavam todos os dias...

José Pereira – No Natal dormíamos todos juntos, depois íamos trabalhar por turnos, seis horas a trabalhar, seis horas a dormir, alguns passavam seis ou quatro a dormir e o resto a trabalhar, só no tempo do nosso inimigo que dizia que era pai dos nossos filhos, mas está morto...Salazar, muita gente fala bem dele, Salazar não...o meu avô era Comandante...

Centro de Mar – O seu avô era quê?

José Pereira – Uns dos meus patrões...

Centro de Mar – Ah patrões...

José Pereira – ... tenho saudades de chegar em Viana, era bonito quando a gente chegava, uma vez chegamos no dia da Senhora da Agonia, foi uma coisa linda, estava cheia de gente, aquilo era uma festa...

Centro de Mar – Muita gente na festa?

José Pereira – Sim... mas as partidas...

Centro de Mar – Lavradeiras não?

José Pereira – Sim, sim. As partidas não me esquecem, depois aquilo era uma tristeza...

Centro de Mar – Sem uma coisa boa não se sabe o que é uma coisa má...

José Pereira – Não, primeiro a coisa má, depois é que vinha a boa, sempre, por um lado estou muito contente, mas por outro lado não estou contente...nada, nada, nada a minha família está toda lá, devia estar contente, não é?

Centro de Mar – Fica a saudade de Portugal...

José Pereira – Da minha aldeia...

Centro de Mar – Castelo do Neiva, do mar...

José Pereira – Tudo, lá não me falta nada, lá somos muitos portugueses, muito português, eu acho que se fala mais lá português do que se fala aqui...pelo menos...olhe que não sei, se lá ou aqui. Aqui não ouço musicas portuguesas na rádio não sei porquê, só ouço musicas inglesas, inclusive um dia bonito para nós, o 10 de Junho que aqui em Portugal não comemoram...

Centro de Mar – Há algumas celebrações, mas mais pequenas

José Pereira – Mas nós... fazemos grande festa...

Centro de Mar – Com muita comunidade portuguesa?

José Pereira – Na minha casa mesmo, este ano vai calhar numa sexta feira talvez, olha que bom, sexta, sábado e domingo...

Centro de Mar – 3 dias de festa.

José Pereira – Tudo de graça, com grandes artistas lá nos parques o Quim Barreiros, o José Malhoa, tudo, tudo, a gente faz grande festa, é um dia muito sentido por nós...

Centro de Mar – Porque lá estão os mesmos da terra...

José Pereira – Sim, ninguém se lembra mais de um navio deste género...Camões....30 anos, todo mundo gosta de lá ficar, quando eu quiser tenho...de casa a...não gosto que me perguntem quando chega ao dia alguma coisa, não suporto ter que adiar...quantos dias vais estar aqui, vêm o meu nome

português, nem deviam fazer essa pergunta sequer....é muito fácil...trabalha como se trabalha aqui...mas não deixo de ser português, tenho acanadiana porque não dava a portuguesa senão não pedia, eu disse não eu sou português primeiro....aquilo não custa nada, ir à escola um bocadinho...

Centro de Mar – E o que é que os seus filhos dizem de quando andou à pesca do bacalhau?

José Pereira – Muita coisa, eu nunca quis que eles fizessem essa vida, mas tirei-os daqui, com 12 anos outro tinha 8, falam as duas línguas, é preciso ver...

Centro de Mar – E têm orgulho na passada família ligada ao mar?

José Pereira – Tenho...ainda há assuntos que ainda hoje falo muito mal, mas não era assim.... Outras coisas....fazer o que fez, deixei uma casa feita com a vida do mar, o tempo que eu roubei a mim próprio, não vi os meus filhos crescer....passado muito tempo... mas também foi um momento complicado para mim, foi exatamente do dia em que fazia 3 meses de casado, eu casei a 29 de Junho de 77, e foi a 29 de Setembro de 77, são coisas que ficam na memória já tinha dois filhos pequeninos, eram gémeos, dois bebés, depois tive um bocadinho com eles, quando, passado um mês fui 5 meses para a mesma vida, eu tive que ir, era aquilo que tínhamos de fazer senão tínhamos que ir para a tropa, embora a tropa era mais leve, mas tropa é tropa, pelo menos fazia tropa e dinheiro...ainda me lembro quanto ganhávamos por mês quando entrei 4700 escudos por mês mais a percentagem da pescaera dinheiro...muitos não ganhavam isso, longe disso, por isso não me arrependo, fui para o Canadá... arrependi-me muitas vezes, fui para lá sem saber falar a língua, e trabalho eram só italianos, falar para mim e falar para uma parede era igual, tive de tentar aprender...passei assim a vida, já tenho netos, já tenho 3 meninas e 1 menino e a vida continua, esses não são portugueses....são canadianos, nascidos lá, falam português....a língua portuguesa é uma língua bonita....se tinham chance de falar português porque não...português em casa, é mesmo assim....inglês....português....por isso só....se os... falar ninguém diz....português, ninguém.....

Centro de Mar – Muito bem Senhor José Pereira, obrigada, contou-nos as histórias da sua vivência com o mar e acho que ficou aqui um registo...

José Pereira – Sim, se fosse a contar... muito tempo, ofertas depois de sair daqui para vir outra vez para trás...na mesma empresa e eu pedi muito dinheiro para eles não me chamarem, gosto de dormir na minha cama...todos os dias me deito na minha cama, tomo o banhinho e deito-me na minha cama... tanta coisa.

Centro de Mar – Muito bem Senhor José Pereira muito obrigada mais uma vez...

José Pereira – Muito prazer...